

Lula deverá fazer ajustes

DA REDAÇÃO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva admitiu, diante de grandes empresários brasileiros, que participam do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), o Conselhão, "reparos" e "ajustes" na política econômica, por causa da queda de 1,2% no Produto Interno Bruto (PIB) no terceiro trimestre. As possíveis mudanças devem mesmo ter essa dimensão, porque ele defendeu a atuação do ministro da Fazenda, Antonio Palocci.

Lula afirmou que não esperava uma queda dessa dimensão. "Como eu venho acompanhando isso, eu já esperava que fosse um trimestre ruim, mas não esperava que fosse o número que foi", disse durante a reunião do Conselhão, na qual mostrou-se otimista em relação ao Natal e a 2006. "Eu trabalho com a convicção, com a certeza que o Brasil entrou num caminho de estabilidade e de desenvolvimento que não tem retorno. Há indícios na economia, há indícios no comportamento das pessoas. Não podemos permitir, em hipótese alguma, que a gente não comece 2006 dando sinais para a sociedade de que o nosso crescimento vai ser mais rigoroso."

Consumo

Na sequência, Lula destacou que, apesar da queda no PIB, há bons indicadores para o futuro da economia brasileira. "Nos dados de ontem (*anteontem*), me chamaram a atenção duas coisas: apesar do terceiro trimestre ter caído, o consumo das famílias cresceu e os salários cresceram. Quem trabalha no comércio sabe que vai ter um natal promissor", afirmou. Segundo o presidente, os sinais de melhora poderão ser sentidos já no fim do ano. "O fato de o PIB ter decrescido é um alerta para nós. O quarto trimestre, certamente, dará indícios fortes de

Wilton Junior/Ag. Estado



O MINISTRO DA FAZENDA, ANTONIO PALOCCI, ADMITE DISCUTIR O GRAU DE AUSTERIDADE DA POLÍTICA ECONÔMICA

que a economia vai continuar crescendo", declarou.

O presidente também ressaltou o aumento das exportações e elogiou o desempenho da política externa brasileira, referindo-se especialmente ao acordo fechado com a Argentina esta semana. "Depois de três anos e tantas reuniões, ontem, pela primeira vez, nós fizemos uma reunião que não era tensa, uma reunião onde a parte brasileira e a parte Argentina estavam otimistas", disse o presidente, que aproveitou a visita da diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Anne Krueger, a Brasília para pedir a ela que ajude a Argentina.

Lula também mostrou-se empenhado em fazer avançar a Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC), mas afirmou estar enfrentando muitas dificuldades. "É mais fácil vender suco de laranja na China do que fazer alguns países entenderem que o subsídio agrícola prejudica os países mais pobres", disse. Segundo informou o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, Lula conversou com o primeiro-ministro Tony Blair por 20 minutos sobre o te-

ma e pediu uma reunião de líderes antes da Rodada de Doha.

Palocci

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, admitiu discutir a possibilidade de revisão do grau de austeridade da política monetária, que tem na taxa de juros o seu mais importante balizador, embora defenda com veemência a atuação do Banco Central para manter a inflação sob controle. "As pessoas dizem que talvez a dose do remédio esteja exagerada. Podemos debater, não acho indesejável, ilegítimo ou antipatriótico. Acho legítimo discutir se as doses são adequadas e, principalmente, ajustá-las, se não forem", declarou.

O ministro foi homenageado, ontem, com um almoço de apoio à política econômica, promovido pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan). Na platéia, formada por cerca de 400 pessoas, poucos representantes de grandes conglomerados empresariais e alguns políticos do PT e de partidos aliados. Palocci chegou com quase duas horas de atraso e centrou seu discurso na defesa dos fundamentos econômi-

cos para o combate da inflação.

"As vezes é necessário pagar o custo de uma política monetária rígida para que possamos olhar e garantir um crescimento no longo prazo, para que pensemos além do dia de amanhã", disse, com a tranquilidade de costume. Repetindo a mesma linha de pensamento destacada no dia anterior pelo presidente Lula, ele reconheceu que a crise econômica influenciou no resultado negativo do PIB do terceiro trimestre (-1,2%) à medida em que foi responsável pelo adiamento de projetos de investimentos e pela redução de consumo de bens duráveis. Mas avaliou que estas expectativas negativas de empresários e consumidores já estão sendo revertidas e projetou um resultado melhor para o quarto trimestre do ano.

O ministro rebateu com rapidez as propostas de adoção de novos modelos econômicos e maior aceleração no ritmo de redução de juros. Há alguns dias, o presidente da Fiesp, Paulo Skaf, chegou a propor a ampliação do Conselho Monetário Nacional (CMN) e comentou que uma eventual saída de Palocci não seria problema.